

DESIGN E ACESSIBILIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA NOSSA SENHORA DA LUZ

Luiza Bassi Peres Rodeiro Cardoso*¹

Márcia Maria Couto Mello**²

RESUMO

Este trabalho é parte integrante dos estudos desenvolvidos pelo projeto intitulado Espaço Público e Acessibilidade Universal, vinculado ao Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR) da Universidade Salvador. Trata-se de uma pesquisa multidisciplinar que abrange diversas áreas do conhecimento. O objetivo deste artigo é apresentar a pesquisa, ainda na fase inicial, que versa sobre as modificações sofridas no desenho da Praça Nossa Senhora da Luz, primeiro espaço público urbanisticamente concebido no bairro da Pituba.

Palavras-chave: Acessibilidade; Espaço público; Design.

ABSTRACT

This research is part of the studies developed by the project entitled Public Space and Universal Accessibility, linked to the Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR) of the Universidade Salvador. It is a multidisciplinary research covering various areas of knowledge. The objective of this paper is to present the research, still in the initial phase, which deals with the modifications in the design of the Nossa Senhora da Luz Square, the first public space in the neighborhood of urban planning designed in the zone of the city identified as Pituba.

Keywords: Accessibility; Public space; Design.

1 ORIGEM DOS ESPAÇOS URBANOS DE ENCONTROS E SOCIABILIDADE

Desde a Antiguidade Clássica, espaços públicos centrais foram intencionalmente projetados para o encontro das pessoas nas cidades. Destinados às trocas de mercadorias, serviços e, sobretudo, cultura ou simplesmente à sociabilidade, estes espaços atualmente identificados como praças, fizeram parte das antigas cidades gregas com o nome de *ágora* e das cidades do Império Romano, onde eram conhecidos como *fórum* (BURNS, 1995).

Entretanto, enquanto a *ágora* era um espaço livre, aberto, rodeado por edificações diversas onde se praticava a democracia – afinal era o local onde os cidadãos gregos podiam expressar suas ideias com liberdade e discuti-las entre seus conterrâneos –, o *fórum* era um

¹ * Aluna do segundo semestre no Curso Superior em Design Gráfico da Universidade Salvador (UNIFACS), integra o Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR) da UNIFACS como aluna bolsista do projeto de Iniciação Científica do CNPq. luu_bassi@hotmail.com

² ** Doutora em Arquitetura e Urbanismo, é professora pesquisadora do NEPAUR, onde coordena o Projeto de Pesquisa intitulado *Espaços Públicos e Acessibilidade Universal*, ao qual se inclui este estudo. Atua como professora orientadora desta pesquisa. marcia.mello@unifacs.br

espaço no centro de prédios públicos, com acesso restrito, que tinha por objetivo representar o poder do Império Romano.

Pode-se dizer, portanto, que as praças representam desde aproximadamente 300 a.C. a materialização da ideia do que conhecemos como espaço público urbano.

Ao mesmo tempo, estes espaços têm funcionalidades e simbologias que variam de acordo com o contexto cultural dos povos que habitam cada território em um determinado tempo (SENNET, 2003).

Observa-se que durante o percurso da história da civilização ocidental estes espaços públicos, destinados ao encontro entre as pessoas nas cidades, tiveram tipologias diferenciadas, de acordo com a temporalidade e a consequente cultura que caracterizou as formas de conviver em cada sociedade. Entende-se, portanto, que tais espaços têm a capacidade de transmitir mensagens através de simbologias que podem ser iconologicamente decodificadas, conforme citou Mello (2004) ao analisar o desenho e a composição da Praça Dois de Julho, popularmente conhecida como Campo Grande, na Cidade de Salvador.

Ao se observar a Praça Nossa Senhora da Luz, constata-se que aquele espaço sofreu alterações significativas no seu desenho e na sua acessibilidade, durante o século XX, que podem expressar as transformações sofridas na zona da cidade onde ela está instalada, tornando-se, portanto, um importante objeto de estudo para a análise da evolução urbanística da cidade de Salvador.

2 PRAÇAS, DESIGN E ACESSIBILIDADE

Inicialmente, vale comentar que o verbete “público”, o qual diz respeito a todos nós, surgiu do latim *publicus*, no século XIV. Oriundo do latim, *publicare* e, desse modo, publicizar, ele traz consigo a ideia de normatização da ampliação do espaço público, configurado pelo princípio da liberdade em espaços de discussões e decisões, condição indispensável da constituição do espaço político. Assim, os espaços urbanos de uso comum representam um lugar onde os problemas simultaneamente se apresentam, se conformam em dimensão pública e podem ser manifestados.

As praças são espaços livres, de permanência, constituintes do tecido urbano que cumprem papel importante como referencial de localização e organização nas cidades (SERPA, 2007). Tradicionalmente, são dotadas de mobiliários, equipamentos, ornamentos e

paisagismo para propiciar o convívio social, a recreação e a realização de eventos. Enquanto logradouros e bens públicos, as praças são inalienáveis.

A praça, para Lamas (1993, p.100), “é um elemento morfológico das cidades ocidentais”, inexistentes anteriormente, distinguindo-se “de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados – pela organização espacial e intencionalidade de desenho. [...] A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa”. Deste modo, ele caracteriza a rua como “lugar de circulação” e a praça como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas” (LAMAS, 1993, p.102).

Na mesma obra supramencionada, o autor indica ainda que a praça na cidade tradicional, como a rua, estabelece “estreita relação do vazio (espaço de permanência) com os edifícios, os seus planos marginais e as fachadas. Estas definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano” (LAMAS, 1993, p.102). Contudo, ele também enfatiza que este é um aspecto menos presente na praça da urbanística moderna, tendo em vista “as dificuldades de delimitação e definição provocadas pela menor incidência dos edifícios e fachadas” (LAMAS, 1993, p.102).

Tomando-se por base o pensamento de Corrêa (1989), as praças públicas assumem, como os demais espaços urbanos, dimensões simbólicas que variam de acordo com os diferentes grupos sociais que as frequentam. Entretanto, avalia-se que a diversidade etária destes grupos constitui uma das suas dimensões, expressando ações sociais do presente marcadas pelo passado.

Todavia, constata-se que mesmo se tratando de um espaço construído para o uso de todos, devido ao próprio design, algumas praças não oportunizam o acesso irrestrito à população portadora de algum tipo de deficiência. Ou seja, desconsideram o fato de que o ser humano, ao longo de sua existência, em algum momento, de forma permanente ou temporária, terá necessidade de utilizar bens materiais e imateriais fora do “padrão” para que seja preservado o seu direito de uso da cidade, da vida com dignidade e com qualidade assegurada.

Observa-se, inclusive, que a morfologia de alguns espaços públicos na Cidade de Salvador é responsável pela discriminação que fatalmente ocorre.

Segundo Butina (1987), a morfologia urbana constitui um método de análise que investiga os componentes físico-espaciais (lotes, ruas, tipologias edilícias, praças e áreas

livres) e sócio culturais (usos, apropriação e ocupação) da forma urbana e como eles variam em função do tempo.

Por um longo período, buscou-se a condição justa e perfeita de acessibilidade através da eliminação das chamadas barreiras arquitetônicas e urbanísticas. Porém, com o passar do tempo, pode-se perceber que o que interessava, na prática, eram os fins e que os meios e as providências que foram tomadas não excederam os procedimentos para atingi-los. Neste sentido, percepções induziram a ações que foram tomadas no sentido de proporcionar territórios acessíveis a todos, onde o ser humano, na sua totalidade e diversidade, venha a ser o seu principal protagonista.

Instrumentos legais, a exemplo da Norma Brasileira 9050, cuja segunda edição data de 31/05/2004 (validada a partir de 30/06/2004), foram criados para garantir à população de forma irrestrita uma “acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos”.

3 A PRAÇA NOSSA SENHORA DA LUZ

Com base nas colocações anteriormente feitas, que enfatizam a importância deste tipo de espaço para uma cidade, entende-se que as praças requerem uma análise mais aprofundada sobre suas morfologias, tipologias e acessibilidades, afinal, “são lugares que valorizam os sentimentos de uma coletividade e favorecem o convívio social nos territórios urbanos” (MELLO, 2010).

Ao se investigar a historicidade da Praça Nossa Senhora da Luz, objeto de estudo desta pesquisa, pretende-se construir um panorama multidisciplinar capaz de desvelar inicialmente os aspectos sociológicos que motivaram as diversas transformações morfológicas e tipológicas ocorridas ao longo do século passado, naquele espaço público. Afinal, as observações preliminares feitas através de um material infográfico sobre aquele espaço, indicam que os modos de viver dos seus frequentadores têm interferência direta sobre as modificações sofridas na área ocupada pela praça, bem como em todo o seu entorno.

A metodologia a ser seguida inclui o levantamento bibliográfico e iconográfico da Praça Nossa Senhora da Luz e seu entorno visando fazer uma identificação técnica, histórica e a interpretação do objeto de estudo; pesquisar sobre as modificações ocorridas a partir do início do século XX, buscando associá-las ao contexto social, econômico e político que as possa justificar; efetuar uma pesquisa de campo através da captura de imagens e entrevistas

com os atuais frequentadores do espaço; organização e sistematização de dados para que possam ser confrontados às normas estabelecidas pela atual legislação no que tange à questão da acessibilidade; elaboração de um relatório com os dados tabulados da pesquisa.

Compreende-se, inclusive, a necessidade de efetuar um estudo mais aprofundado, através de técnicas de análise imagética do espaço sobre as iconografias capturadas ao longo do tempo, para que se compreenda as mudanças ocorridas no desenho do referido espaço, levantando questionamentos sobre a descaracterização do seu desenho original e os seus processos de mudança para analisar, em paralelo, os motivos que induziram as alterações que podem ser percebidas no seu design e nos seus elementos de composição.

Assim, a conclusão deste trabalho por objetivo identificar os diferentes elementos configuradores temporais da Praça Nossa Senhora da Luz (desenho, entorno, equipamentos, mobiliários, adornos, paisagem) e analisar, em paralelo, as diversas articulações que tais elementos de composição estabelecem com os cidadãos e com a cidade. Analisar as questões voltadas à acessibilidade dos indivíduos naquele espaço, questionando, por fim, se a Praça Nossa Senhora da Luz está de acordo com os parâmetros legais estabelecidos para cumprir o seu papel no bairro da Pituba e, ao mesmo tempo, constatar se ela é ou foi, de fato, um espaço projetado para o uso de todos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 2.ed. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:<
<http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/ABNT/NBR9050-31052004.pdf> Acesso em: 8/7/2013.

BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental**. 36. ed. Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Globo, 1995. (v. 2)

BUTINA, Georgia The Use of Urban History in the Design of Local Urban Areas". **Urban Design Quaterly**, n. 25, p. 7-8, dez. 1987.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. Ática: São Paulo, 1989.

LAMAS, J. M. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

MELLO, Márcia M. Couto. **Arquiteturas, Modas e Cidades**: interfaces, conexões e interferências. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2010.

_____. **Salvador Multimagética**: a imagem do Bairro do Comércio através de cartões-postais (1890-1950). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2004.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Tradução Marcos A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.